

Atenas: Magia, Maldição e Morte

Maria Regina Candido

Résumé

Defixiones: ces documents d'un genre particulier sont essentiels pour connaître la magie grecque. Ces lames de plomb, de dimensions réduites, sont roulées ou pliées, et habituellement transpercées d'un ou de plusieurs clous. Le clou constitue le moyen de montrer la force de volonté du rédacteur.

A especificidade da prática da magia, de *fazer mal ao inimigo* nos séculos V e IV a.C. entre os atenienses, está no fato de ser uma prática utilizada no espaço urbano cujo usuário se encontra em um momento de insegurança social. A evidência do uso da magia neste período pode ser observada através das finas lâminas de chumbo que apresentam em sua superfície inscrições de maldição contra um inimigo. Informamos que as lâminas de chumbo denominadas de *defixiones* proveniente deste período encontram-se danificadas e muitos deles encontram-se enrolados da mesma forma como foram encontrados nos poços d' água situados na *Ágora* ateniense. Entretanto, como nos afirma G. W. Elderkin (1936: *passim*), o que foi perdido pode ser recuperado e restaurado com o auxílio de tabletes de imprecação de outros período. Isto porque estas palavras mágicas para prejudicar o inimigo tendem a se constituir em fórmulas fixas. Por outro lado, não podemos esquecer que os *defixiones* estiveram presentes em Atenas durante o período do século V a.C. até o VI d.C., apresentando uma regularidade no emprego de frases e fórmulas mágicas. Os arqueólogos destacam a dificuldade de manuseio destes tabletes de chumbo pelo fato da grande maioria ser encontrada enrolada em locais úmidos. Após a aplicação de tratamento químico para a remoção de resíduos, algumas lâminas tornaram-se aptas para a leitura de suas inscrições (ELDERKIN, 1936: 382), outros apresentaram a perda de informações como a divindade evocada, o nome do sujeito da maldição ou mesmo o propósito da imprecação.

Inicialmente apresentaremos a tradução do conteúdo de inscrições expostas sobre a superfície de um *defixio*. Este define-se como finas lâmi-

nas de chumbo encontradas em sepulturas no cemitério do Cerâmico e em poços d'água no espaço urbano da *Ágora* de Atenas.

A lâmina, selecionada por nós para análise, contém maldições endereçadas a um atleta adversário de uma competição, vejamos:

Maldição contra o atleta Eutychianos

comp. 0,146; alt. 0,59; esp. 0,0025 m.

Inv. n.º IL 960

βωρφορβαβαρφορβαβαρφορβαβαρβορβαβαη κραταιές

"Poderoso **Bepty**, eu te entrego/παραδίδωμί Eutychianos que vai lutar contra Secundus para que esfries/καταψύξῃς Eutychianos, seus projetos, sua potência, sua força, sua capacidade de lutar e esfries também no teu ar tenebroso aqueles que estão com ele. Ligue-o à eternidade sem luz e no esquecimento, esfries e destruas a capacidade de lutar de Eutychianos, o lutador. Na presença de Secundus tu esfries Eutychianos e não o deixes lutar, façás com que ele tombe e seja desonrado **Morzounê Alcheinê Pépértharôna Iaia**. Eu te entrego Eutychianos, Poderoso **Typhon Colchloicheilôps**, que seja esfriado Eutychianos, o lutador. Como aqueles nomes são frios que assim esfries o nome de Eutychianos, sua alma, sua vivacidade, sua sorte, seus projetos, seu raciocínio. Que ele fique surdo, mudo, sem caráter, incapaz de prejudicar, incapaz de lutar contra alguém".

A maldição contra Eutychianos faz parte de um conjunto de imprecacões que visava prejudicar a *performance* de atletas e competidores. Estes *defixiones* foram localizados nas profundezas dos poços de água situados na *Ágora* ateniense com datas que variam do século IV ao I a.C. Como os demais *defixiones*, observados por nós, este tablete de maldição começa com um conjunto de sílabas que formam uma sonoridade similar a um cântico de evocação aos deuses. De acordo com G. W. Elderkian (1936: 387), estas mesmas sílabas estariam presentes no hino de encantamento endereçado à feiticeira *Hécate*, deusa do mundo dos mortos. A deusa *Hécate*, por vezes, era representada junto a um ou três cães e o deus *Seth* que acompanha a evocação era simbolizado na figura de um animal estranho, muito semelhante a um cão.

A outra divindade evocada refere-se ao Poderoso *Bepty*, embora pareça estranho, reconhecemos este nome como um epíteto do deus egípcio *Seth* que, na lâmina de chumbo, é também reconhecido pelo nome de *Typhon*. O deus egípcio *Seth*, assim como *Hécate* representavam divindades noturnas próximas ao mundo dos mortos, eram divindades evocadas para prejudicar um inimigo. Embora, Heródoto afirme que a *Hélade* recebeu do Egito quase todos os nomes de deuses (Heródoto II, 50), a presen-

ça de evocação aos deuses egípcios não estava presente nos *defixiones* anteriores à segunda metade do século IV a.C. Podemos afirmar que neste período havia a predominância da evocação as divindades ctônicas helênicas como *Hermes, Hades, Perséfone e Hécate*. A presença das divindades egípcias para prejudicar o inimigo nos leva a deduzir que os praticantes da magia seriam profissionais itinerantes de outras regiões que vagavam pelas noites de Atenas oferecendo seus serviços de encantamento e maldição como afirmou Platão na obra *República* 364 c.

O ato de lançar maldições aos inimigos, para Heródoto (II, 39), seria uma prática presente entre os egípcios. O historiador nos relata que os egípcios, ao fazerem sacrifícios aos deuses, separavam a cabeça do corpo do animal. Em seguida, lançavam imprecações sobre as cabeças das vítimas de sacrifícios, dizendo as seguintes palavras: "*qualquer mal que nos ameace recaia sobre aquela cabeça*". Ao final do ritual, levavam as cabeças dos animais para o mercado para vendê-las ou jogavam-na no rio. Segundo Heródoto, os egípcios tinham por hábito não comer a cabeça de qualquer animal. Diante desta informação, somos levados a crer que os compradores poderiam ser estrangeiros e que, junto à maldição, fosse levado também o nome do inimigo. Tal informação nos induz a afirmar que Heródoto já indica a magia como prática estrangeira, não formulada junto à comunidade dos atenienses. Logo, completamente distinta da religião dos deuses olímpicos gregos.

Entretanto, as divindades ctônicas gregas não deixaram de ser utilizadas nos tabletes de imprecações como podemos observar no *defixio* IL 495 encontrado no poço da *Ágora* ateniense com data do século I d.C. (a data nos confirma a longevidade e permanência desta prática e formulas mágicas para prejudicar um inimigo entre os atenienses). Esta imprecação faz parte de um conjunto de tabletes de maldições contra furtos e evocava as divindades ctônicas tradicionais, incluindo referências às *Moiras* e às *Erínias* (ELDERKIN, 1936: 391).

De acordo com André Bernand (1991: 132), a magia grega que tinha por objetivo *fazer mal ao inimigo* havia sido apropriada das práticas egípcias. O autor deixa transparecer que concorda com as afirmativas de Heródoto. Entretanto, compreendemos que, quando Heródoto atribuiu aos egípcios o conhecimento e a prática da magia, afastada dos preceitos da *pólis* dos atenienses, ele tencionava registrar uma crítica ao momento vivenciado no século V a.C. Este momento, interpretamos como sendo um indício de que a religião e a magia se encontravam em processo de total de oposição, pois, a magia deixava de ser uma prática complementar e auxiliar a coesão da comunidade para se tornar uma prática cujo interes-

se privado e particular prevalecia. A observação de Heródoto pode ser entendida como uma crítica à especificidade da prática da magia no século V a.C., definindo-se como uma prática situada fora da *paidéia* — educação dos atenienses.

Tanto no Egito quanto na Grécia, havia um particular temor, em relação a determinados mortos como suicidas e assassinados, devido ao prejuízo que eles poderiam fazer aos vivos. Tal princípio nos permite conferir uma estreita relação entre os mortos e a prática da magia de prejudicar o inimigo, assim como a utilização dos nomes de divindades ctônicas gregas associados aos deuses egípcios objetivando reforçar a maldição. Em relação ao uso de palavras indecifráveis para o encantamento, estas eram um recurso de valorização do oculto, do secreto, entendido somente pelo feiticeiro ou um iniciado.

Analisando os *defixiones*, podemos observar o predomínio das formas imperativas de evocação. As frases estão sempre na primeira pessoa do singular e acompanhada do verbo ligar, atar, fixar e paralisar. Em seguida, temos o nome ou os nomes das vítimas e as maldições a serem enviadas. No tablete de impreciação apresentado acima, podemos observar que o praticante da magia ordena a divindade que esfrie o inimigo, no sentido de paralisar as ações do adversário de forma que este não consiga vencer a luta e, como resultado, perca a disputa e fique desmoralizado. A análise das inscrições nos permite afirmar que este *defixio* foi escrito por uma terceira pessoa na qual reconhecemos como sendo um profissional da magia. Isto porque a inscrição faz referência a uma luta entre dois competidores, *Secundus* e *Eutychianos*, sendo este último a vítima da maldição.

Em seguida, observamos as desgraças enviadas ao competidor de luta livre, de forma que ele seja enviado para as profundezas do mundo subterrâneo e que permaneça lá por toda a eternidade. O solicitante impõe também um comportamento ao inimigo, de forma que ele fique inerte, surdo, mudo e incapaz de usar a sua capacidade de raciocínio para reagir diante da luta empreendida contra o adversário *Secundus*.

De acordo com D. R. Jordan (1985: 214), os *defixiones* encontrados nos poços de água situados na *Ágora* ateniense, apresentam maldições contra os atletas e competidores que participavam dos jogos e das festas das *Panatenéias*, em honra a deusa *Atená*. Nos tempos remotos, a inumação de um morto de prestígio era acompanhada de jogos e competições. Porém, a partir do século VII a.C., as competições concentraram-se em torno do culto aos heróis e aos deuses da *pólis* (BURKERT, 1993: 377). Além das competições esportivas e lutas livres, havia concursos de músi-

ca (ARISTÓTELES. *Constituição de Atenas LX*) e declamação dos poemas de Homero entre outras atividades como parte comemorativa das festas e dos jogos.

O trajeto da procissão das *Panatenéias* atravessava os lugares mais importantes para o praticante da magia. A porta do *Dípilon*, na fronteira do cemitério do Cerâmico, definia o limite entre o espaço dos mortos e o espaço dos vivos. A região seguinte era a *Ágora* que se definia como o espaço público, lugar da efervescência dos debates e local sagrado de santuários, templos e deuses. A procissão/*pompé* das *Panatenéias* iniciava-se junto aos portões do *Dípilon*, atravessava o Cerâmico e a *Ágora*, chegava até à *Acrópolis*, onde se realizavam preces no *Pártenon* diante do altar de *Zeus e Atená*. Em seguida, retornava-se ao centro da *Ágora* para a realização das competições esportivas (MURIEL, 1990: 81). Ao final das competições, coroavam-se os vencedores.

Aristóteles nos informa que os vencedores do concurso musical ganhavam uma quantia em dinheiro e objetos de ouro, os lutadores recebiam escudos e os vitoriosos nas provas de ginásticas e corrida de cavalos recebiam o óleo proveniente das oliveiras sagradas (ARISTÓTELES. *Constituição de Atenas LX*). Tais premiações conferiam ao vencedor uma posição de prestígio e de reconhecimento por toda a Grécia. Em continuação à cerimônia pública, os vencedores, os participantes e assistentes formavam um cortejo em direção ao altar dos doze deuses situados na *Ágora*, o sacerdote responsável fazia libações e oferecia sacrifícios aos olímpicos em agradecimento ao êxito das competições (MURIEL, 1990: 84).

A *Ágora* de Atenas foi considerada pelos praticantes da magia, como o local apropriado para depositar os tabletes de imprecações. Isto porque, situada na parte baixa da *Acrópolis*, a *Ágora* representava o espaço do cidadão que, de posse da palavra-debate, fazia valer a sua vontade através do exercício da democracia. Transferindo a livre escolha do cidadão para o campo da magia, a sua prática denotava pertencer a um campo no qual o indivíduo decidia através do uso de palavras de maldição o destino do adversário. Em oposição a este espaço da livre escolha, encontrava-se a *Acrópolis*, localizada no alto, antigo espaço da realeza que se transformara em morada dos deuses Olímpicos. Neste espaço, a palavra-debate era substituída pela prece — murmúrio chegando mesmo a uma atitude de submissão e, por vezes, de total silêncio.

De acordo com a tradição (HOMERO. *Iliada IX*, 569-570), a evocação das divindades ctônicas era feita golpeando continuamente o solo com os punhos cerrados implorando em voz forte e decidida a morte de alguém ou rogando a maldição desejada. Para o feiticeiro, a *Ágora* simbolizava o

espaço do domínio da palavra porque era através da sonorização da voz emitida que ele enviava as solicitações às potências do mundo subterrâneo para imprecções os inimigos. A sacralidade deste espaço ratificava-se através da presença dos santuários, tornando sagrado qualquer construção empreendida neste local como os pórticos, muros dos templos, inclusive os poços d'água nos quais onde foram encontrados os *defixiones*.

A água, depositada no fundo do poço, também revestia-se de um aspecto mágico para o feiticeiro. De um lado, temos a sua profundidade do poço e do outro, temos o fato de ser escuro e úmido. Para o praticante da magia o poço simbolizava a passagem para o mundo dos mortos. A temperatura da água, por ser muito fria, além de nos remeter ao mundo dos mortos, se aproximava também, do desejo do praticante da magia em esfriar e gelar o adversário. O ato de gelar correspondia ao desejo de paralisar, tornar inerte, as ações do inimigo. Devemos acrescentar que água representaria um veículo para enviar o nome da vítima e a realização da desgraça para as profundezas do reino do *Hades*.

Concluimos que os artefatos arqueológico — lâminas de chumbo — denominados de *defixiones*, nos permite afirmar que os atenienses detinham o conhecimento e praticavam a magia para prejudicar um inimigo. Heródoto nos indica que esta prática foi adquirida através do contato dos atenienses com os egípcios, porém, acreditamos que a maneira de usar a magia em Atenas apresentava toda uma especificidade que nos limita a possibilidade de ser uma herança vinda do Egito.

Documentação textual

ARISTOTE. *La Politique*. Paris: Les Belles Lettres, 1968.

_____. *A Constituição de Atenas*. Porto: Educação Nacional, 1941.

HERÓDOTO. *História*. Brasília: UnB, 1988.

HOMERO. *Iliade*. Paris: Les Belles Lettres, 1974.

_____. *Odysée*. Paris: Les Belles Lettres, 1946.

PLATÃO. *República*. trad. M. Helena da R. Pereira. Lisboa : Fundação Calouste Gulbenkian, 1993.

Documentação Epigráfica

ELDERKIN, G. W. "Two Curse Inscriptions". In: *Hesperia* 6: 382-395, 1987.

JORDAN, D. R. "Defixiones from a well near the southwest corner of the Athenian *Ágora*". In: *Hesperia* 3: 205-255, 1985.

_____. "A survey of Greek Defixiones not included in the special *Corpora*". In: *Greek-Rome and Byzantine Studies* 26 (1): 151-197, 1985.

Bibliografia

BERNAND, A. *Sorciers Grecs*. Paris : Fayard, 1991.

BURKERT, W. *Religião Grega na Época Clássica e Arcaica*. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 1993.

LLOYD, G. E. R. *Magie, Raison et Expérience*. Paris: Flammarion, 1990.

MONTEIRO, P. *Magia e Pensamento Mágico*. São Paulo: Ática, 1986.

MURIEL, C. E. *Grecia: Sobre los ritos y las fiestas*. Granada: Universidad Granada, 1990.